

Título: Do Cinema Novo à Revolução Technicolor

Autor(es) Sergio Carvalho de Assunção*; Karla dos Santos Barros

E-mail para contato: scassuncao@uol.com.br

IES: UNESA

Palavra(s) Chave(s): Poesia; Vanguarda; Cinema; Antropofagia; Arte Moderna

RESUMO

Este trabalho é parte integrante da conclusão do projeto de Iniciação Científica Vanguardas Brasileiras do Século XX, que foi desenvolvido no curso de Letras da Unesa/Campus Nova Iguaçu, ao investigar o cinema brasileiro do século XX, em dois momentos marcantes, dentro da perspectiva antropofágica e experimental destes episódios: O Cinema Novo de Glauber Rocha e o Tropicalismo de Joaquim Pedro de Andrade. A abordagem destes dois momentos e seus respectivos cineastas possui outro ponto em comum, além da experimentação vanguardista e antropofágica, que é a exploração da linguagem poética, assumida tanto como ferramenta crítica de desconstrução dos modelos canônicos, quanto um espaço de experimentação e radicalidade revolucionária, ao explorar a questão da afirmação da identidade em meio à dependência cultural na modernidade do Brasil no século XX. Deste modo, se por um lado a importância de estudar as vanguardas brasileiras se deve à radicalidade experimental em romper com o academicismo, ao libertar a arte de seus dogmatismos formais e suas malhas ideológicas, por outro lado, sua importância se deve à fusão das linguagens estéticas e ao permanente diálogo com os modelos consagrados, sob perspectiva da antropofagia de Oswald de Andrade. Assim, é a partir da síntese entre as linguagens estéticas como o cinema, a fotografia, a pintura, a música, o teatro, além da poesia, que a arte de vanguarda se sobressai, ao expandir o pensamento e a concepção do indivíduo em sintonia com seu tempo e lugar, através de sua arte deformadora e sua expressão radical, para além das estruturas e muros institucionais. Através de um cinema nacional de vanguarda, estrategicamente situado à margem das produções consagradas e tradicionais, vê-se o modo pelo qual a arte moderna, experimental e revolucionária de Glauber Rocha e Joaquim Pedro propõe o exercício de um novo olhar. Um olhar radical e desfocado que parte de um lugar privilegiadamente crítico, periférico e descentralizador, além de manter-se em permanente diálogo com as tradições, que vão desde o surrealismo francês e espanhol, o neo-realismo italiano, a nouvelle vague francesa, e a indústria norte-americana de Hollywood.